
A dimensão social de um clube desportivo de bairro nos subúrbios do Porto e percepção dos outros significantes na sua construção

Autor(es): Domingues, Márcio; Cavichioli, Fernando; Gonçalves, Carlos E.

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/28350>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/2182-7087_4_2

Accessed : 25-Jan-2022 13:47:19

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.



ANNALS OF
**RESEARCH IN SPORT
AND
PHYSICAL ACTIVITY**

FACULDADE DE
CIÊNCIAS DO
DESPORTO E
EDUCAÇÃO FÍSICA
DA UNIVERSIDADE
DE COIMBRA
IMPrensa
DA UNIVERSIDADE
DE COIMBRA

2 • TREINO DESPORTIVO/SPORT TRAINING

A DIMENSÃO SOCIAL DE UM CLUBE
DESPORTIVO DE BAIRRO NOS SUBÚRBIOS
DO PORTO E PERCEÇÃO DOS OUTROS
SIGNIFICANTES NA SUA CONSTRUÇÃO

RESUMO

Estudo de cariz etnográfico de um clube de bairro social situado na periferia da rede urbana revela que existe um conjunto de variáveis de fundo social relevantes para a análise de constrangimentos e participação em desportos colectivos. Usando participação observante, entrevistas semi-estruturadas e análise documental com participantes chave na organização desportiva ao longo de um ano, a equipa de pesquisa obteve resultados promissores na função social que o desporto pode ocupar. As implicações dos outros significantes no desenvolvimento desportivo foi discutido. As políticas públicas para o desenvolvimento destes resultados nos jovens precisam de endereçar a raiz situada dentro destas forças estruturais, como apontadas no estudo. O estudo abre ainda caminhos para perceber a estrutura e processos na equação da função social de um clube predominantemente de formação situado num caldeirão social.

PALAVRAS-CHAVE: Etnografia; Ecologia; Desenvolvimento Humano; Jovens Atletas

ABSTRACT

Ethnographic nature study of a social club situated in a peripheral urban area reveals that exist a sum of variables relevant to analyze social participation and constraints in organized sport. Using participant observation, semi-structured interviews and documental analysis with key informants in this sport organization over a period of one year, the research team obtained promising outcomes related to the social function that sport should place. Implications of the other significant in sport development were discussed. Public politics need to address the roots within these structural forces in youth sport as pointed in the study. This study points ways in order to understand the structure and processes on the social function equation in a formation club situated in a social.

KEYWORDS: Ethnography; Ecology; Human Development; Youth Athletes

¹ Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade de Coimbra

² Universidade Federal do Paraná, Brasil

correspondence concerning this article should be addressed to: Márcio Domingues, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física – Universidade de Coimbra, Estádio Universitário, Pavilhão 3, 3040-156 Coimbra, Portugal. Tel.: +351239802770

E-mail: marcio.domingues@live.com.pt

INTRODUÇÃO

O desporto pode ser visto como agregador em torno da identidade comunitária, interacção social e consciência do espaço (Tonts, 2005), geradora de padrões de relação entre unidades sociais e instituições (Schuller, Baron & Field, 2000). A literatura é extensa no que toca à importância do estabelecimento da ligação entre relações interpessoais (Bengoechea & Streat, 2007), nomeadamente pares (Smith, Ullrich-French, Walker, & Hurley, 2006; Ullrich-French & Smith, 2009); pais (Holt, Kingsley, Tink & Scherer, 2011; Riley & Anderson-Butcher, 2012), treinador (Keegan, Harwood, Spray & Lavallee, 2009; Gould, Flett & Lauer, 2012) e índices de participação e continuação desportiva também em jovens atletas em contextos desfavorecidos. O potencial de que o desejo de ligações sociais com outros significantes possui uma capacidade energizante no comportamento em contextos sociais e com influência na participação desportiva dos jovens tem sido reconhecido desde os anos 90 (Ryan, Deci, & Grolnick, 1995). O desporto claramente tem significado para os participantes porque providencia oportunidade para interacções interpessoais e o desenvolvimento de laços sociais com outros significantes (Allen, 2003).

O presente trabalho vai estender a Teoria Bioecológica de Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner (Bronfenbrenner & Morris, 1998; Bronfenbrenner, 2005). A sua teoria contextualista e interaccionista rompe com a clássica separação entre sujeito e objecto de investigação, característica das tradições positivistas de Comte. Baseando-se nas concepções fenomenológicas do ambiente e dinâmicas de grupo de Kurt Lewin (1948), enfatiza a importância da observação naturalística como orientação filosófica (Bronfenbrenner, 1979). Na própria emergência dos métodos qualitativos dos anos 60 (Hammersley, 2002), nomeadamente, Lewin, Mead, Blumer e Dilthey influenciaram a teoria ecológica em aspectos que destacam o papel do indivíduo como um agente activo do seu desenvolvimento, intensamente revelador da sua tradição racionalista, humanista e fenomenológica.

26 • Diversos trabalhos desenvolveram criticamente o modelo original de Bronfenbrenner de 1979 (Bronfenbrenner, 1999; Bronfenbrenner & Ceci, 1994; Bronfenbrenner, & Evans, 2000; Bronfenbrenner & Morris, 1998). Tem sido pouco estudado até ao presente momento uma abordagem que procure compreender o desenvolvimento sob uma óptica que considere a interacção dos quatro elementos (Pessoa-Processos Proximais-Contexto-Tempo) que compõem o paradigma bioecológico no campo desportivo. Assim, consideram-se os percursos de vida, cuja compreensão conduz a um drama de intenções e desejos, lutas por respeito e prestígio social, no limiar da aceitação e inclusão ou rejeição (Hundeide, 2005).

De facto, o ambiente próximo actua como um factor decisivo na modelação das experiências desportivas, e o ambiente de prática actua nas crenças que têm sobre o desporto (Krebs, 2009). A mais forte influência nas percepções dos jovens do ambiente e motivação são exercidas dentro da equipa através dos treinadores, colegas e outros significantes (Vallerand & Losier, 1999). Apesar de se constituir como apenas uma vertente da vida das crianças e adolescentes existe a necessidade de entender o papel das organizações desportivas, com

o seu potencial para instigar experiências positivas e negativas nos jovens (Malina, 1995) especialmente em situação de bairro (Hellison, 2000; Skinner, Zakus & Cowell, 2008).

Torna-se então importante determinar, por um lado, a importância do contexto e do ambiente de prática e mais especificamente o contexto de bairro, na análise de determinantes de performance social como explicativo de comportamentos correlacionados com o envolvimento no desporto. Por outro lado, o estudo pretende determinar ainda o contributo das relações interpessoais dos outros significantes no comportamento e atitudes face ao desporto veiculados no seu seio pelos jovens atletas na perspectiva de um desenvolvimento positivo.

METODOLOGIA

Participantes

Participaram no estudo 12 adultos significantes entre directores, dirigentes, pais e treinadores do clube de orientação social (COS). Os dados foram recolhidos e analisados a partir de um clube de bairro social de uma zona urbana durante o período de um ano desportivo (época 2010/2011). Os 12 participantes entrevistados foram seleccionados de acordo com atributos teóricos, como tendo um papel distinto e importante na organização, como requisito tinham que ser conhecedores profundos da realidade do clube: pais muito presentes na vida do clube, directores e treinadores com longo passado tanto como jogadores e treinadores.

Recolha de dados

Para a recolha de dados foram usados vários métodos, nomeadamente, participação observante com a constituição de um diário de campo, a observação superou as 60 horas distribuídas por dois momentos específicos, pouco depois do início de época e pouco antes da época terminar; bem como a realização de entrevistas semi-estruturadas individuais e análise documental.

A combinação de métodos permitiu proceder a uma validação cruzada e adicionar descrições emergentes (Lessard-Hérbert, Goyette, Boutin, 2008). Cada entrevistado respondeu às mesmas questões, contudo e devido à dinâmica das próprias entrevistas o fluxo das mesmas não foi igual. Para aprofundar os conceitos em causa, os entrevistados eram convidados a partilhar as suas experiências de uma forma flexível, sendo que muitas vezes surgiam perguntas extraordinárias ao guião semi-estruturado.

Procedimentos

A comissão de ética da Universidade dos pesquisadores aprovou o estudo. Foi agendada uma reunião introdutória para servir de explicação do propósito, procedimentos e detalhes do estudo e depois de conseguido um consentimento informado do COS prévio à realização do estudo e observação de campo de forma a perceber a mecânica do clube procedeu-se às entrevistas individuais.

Antes de começar as entrevistas semi-estruturadas com os participantes, certificou-se que os mesmos percebiam na íntegra o propósito e a natureza do estudo e como os resultados podiam ser utilizados. As entrevistas decorreram numa sala nas instalações do clube e com conhecimento prévio do vice-presidente e coordenador do futebol juvenil. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio por equipamento especializado. As considerações éticas como o anonimato e a confidencialidade foram explicadas aos participantes antes da entrevista, sendo que os investigadores continuamente procuraram a empatia com os entrevistados e evitaram quaisquer formas de comportamento pouco ético. Por exemplo, quando um dos entrevistados recusou inicialmente ser entrevistado com gravação, procurou-se anotar mentalmente os dados e num bloco de notas, sempre com permissão.

Análise de Dados

Para além da participação observante, os métodos não estruturados como a observação também foram utilizados. Ou seja, o pesquisador entrou no campo de pesquisa sem uma noção predeterminada relativamente aos comportamentos discretos que podiam ser observados (Mulhall, 2003). Este procedimento permitiu uma perspectiva sobre as interações entre diades e grupos e a influência do ambiente.

28 • As entrevistas transcritas foram traduzidas *verbatim* e a análise de conteúdo foi utilizada como procedimento para organizar e codificar as entrevistas em blocos representando um tema em comum. A análise iniciou-se codificando as frases dos entrevistados, comparando-as com os códigos definido à priori e com a exposição flexível das experiências dos entrevistados e posterior codificação de dados emergentes. Depois da identificação dos temas através de uma aproximação dedutiva. A análise continuou indutivamente e procedeu-se à elaboração de categorias e posteriormente em dimensões definidas após a categorização dos dados.

Esta análise foi elaborada em separado pelos investigadores e procedeu-se à discussão dos resultados até se atingir um consenso. Um pesquisador externo com uma extensa experiência na análise de conteúdo validou o processo de codificação. Os entrevistados são identificados pelo papel que desempenham no clube (directores, treinadores, pais, vice-presidente, coordenador do futebol juvenil).

A revisão das notas diárias e outros dados recolhidos ao final do dia ajudaram a estabelecer o plano para a próxima etapa. Esta análise foi guiada pelo conteúdo dos dados recolhidos e apoiado em códigos antecipadamente determinados (Miles & Huberman, 1994; Atkinson &

Hammersley, 2007) e *memos* colocados ao longo dos códigos (Lofland, 2002) que serviram de balizas à pesquisa subsequente.

A estratégia de cariz etnográfica permitiu obter uma perspectiva aprofundada e uma interpretação do significado e funções das acções humanas (Hammersley, 1992; Atkinson & Hammersley, 2007; Silverman, 2010) e de sentidos (Sparkes, 2009); bem como a experiência e comportamento da maioria dos membros de uma determinada cultura (Sands, 2002). O viés está inerente à pesquisa qualitativa (Miles & Huberman, 1984; Maxwell, 2002; Sadler, 2002 & Neuman, 2003). Em particular, e na linha de Polkinghorne (2003), o pesquisador é o instrumento, o passado pessoal, os interesses e pontos de vista tornam-se parte da análise resultando a necessidade de medidas de qualidade na definição da pesquisa etnográfica (Lutzhof, Nyce & Petersen, 2010). A validade interna foi conseguida através de repetidas observações, múltiplas formas de recolha de dados e posterior triangulação no seguimento dos quatro diferentes tipos de validade proporcionados na leitura de Maxwell (2002).

Por último, os entrevistas forma codificadas para identificação do do testemunho dos participantes com as suas percepções em contexto desportivo Assim sendo, as entrevistas incluíram um Pai e Coordenador Futebol Jovem (PCFJ); Pai Junior B Metalomecânico (PJBMM); Pai Junior D Chefe Secretaria Escola (PJDCSE); Pai Junior C Chefe Vendas Indústria Farmacêutica (PJCCVIF); Pai Junior B Gráfico (PJBG); Mãe Junior C Costureira (MJCC); Pai Junior D PSP (PJDPSP); Pai Junior C Pintor Automóveis (PJCPA) e Pai Treinador Junior D Equipa Adversária (PTJDEA).

RESULTADOS

Com a emergência de 3 Dimensões 8 categorias de análise e 20 temas subsequentes, as categorias escolhidas (Ver Tabela 1) foram guiadas a partir das discussões iniciadas pelas perguntas das entrevistas semi-estruturadas, nomeadamente: o clube, identidade e integração na comunidade; organização e estrutura; clima e valores veiculados pelo clube; integração da família e escola na vida do clube; relações de suporte e eficácia estabelecidas. As características sócio-demográficas da família e da vizinhança, circunstâncias familiares e suporte; organização e estrutura do clube e comportamento e atitudes dos actores que gerem o clube são variáveis sócio ambientais que nos ajudam a explicar o processo de participação desportiva e comportamento atitudinal dos jovens atletas implicados.

Tabela 1. Categorias Principais e grupos de respostas

Dimensões Críticas	Categorias Principais	Grupo de Respostas
Desenvolvimento Pessoal e Auto Melhoramento	Oportunidade para a construção de skills	Valores Sociais Desporto Construção Identidade
	Importância da Família	Relações de Suporte e Incentivo Estrutura Familiar e Apoio
	Importância da Escola	Prioridade Escolar e Expectativas Integração Dual Escola -Clube
Processos Proximais e Interações Sociais	Clima e Valores	Interação Grupal e de Clube Objectivos no Desporto
	Relações Sociais e Eficácia	Relação Atleta-Clube Relação Atleta-Treinador Relação entre Pares
Contexto Desportivo e Realização	Identidade e Experiências	Realidade Social Bairro Papel Mudança Social História e Vivência
	Integração na Comunidade	Caracterização e Envolvência Social Subsidação e Apoios
	Organização e Estrutura	Estrutura e Recursos Humanos Estrutura Física e Condições Mobilidade Desportiva Organização e Logística

No escalão de Junior C, a maioria dos pais apresenta apenas instrução ao nível do 1º ciclo (41,46%) e com bastante diferença instrução 3º ciclo (19,5%); no escalão de Junior B, o nível de instrução largamente predominante é o secundário (40%), seguido do 3º ciclo com 26,67% (Tabela 2).

Tabela 2. Distribuição dos progenitores por nível de estudos

	Iniciados			Juvenis		
	Pai	Mãe	% TOTAL	Pai	Mãe	% TOTAL
1º Ciclo	9	8	41,46	2	3	16,67
2º Ciclo	3	3	14,63	1	1	6,67
3º Ciclo	3	5	19,5	6	2	26,67
Secundário	3	4	17,07	6	6	40
Ens. Superior	2	1	7,32	1	3	13,33
Mestrado	–	–	–	–	–	–
Doutoramento	–	–	–	–	–	–
Não Tem	–	–	–	–	–	–
Total	20	21	100	16	15	100

O cruzamento dos dados das tabelas 2 e 3 permite-nos inferir sobre uma relação entre o nível de instrução dos pais e o sector de actividade predominante. Ao analisar por sector de actividade constata-se um amplo predomínio do sector terciário, o sector dos serviços com

percentagens semelhantes, 47,83 e 50 % nos escalões de Junior C e Junior B respectivamente seguido do sector secundário.

Tabela3 - Sectores Actividade COS

Sectores Actividade	Iniciados (n=23)			Juvenis (n=21)		
	Pai	Mãe ¹	% TOTAL	Pai	Mãe	% TOTAL
Desempregado	2	5	15,22	2	1	7,14
Secundário	7	1	17,39	8	0	19,05
Terciário	8	14	47,83	6	15	50
Quaternário*	2	0	4,35	0	1	2,38
Não Respondeu	4	3	15,22	4	4	19,05
Reformado	–	–	–	1	–	2,38
TOTAL	23	23	100	21	21	100

* Quaternário - Este sector de actividade contempla profissionais nas áreas da saúde e professores

Identidade e experiências

Segundo as informações obtidas dos outros significantes, destaca-se o património humano como força motriz de um clube histórico, um trabalho complexo de suporte a jovens que crescem em ambiente de bairro social através da prática desportiva e onde os pais e dirigentes do clube percebem a rede de ligações como uma estrutura familiar.

“...esse é o grande património do clube. Julgo que sendo um clube muito pequenino e humilde (...) se calhar mais trabalho faz e mais frutos dá em relação a esta malta nova que muitas vezes não tem para onde ir e aqui o Progresso é quase a segunda casa deles...” (CFJ)¹

O clube de bairro afirma a sua força na natureza das relações interpessoais que são a sua base de identificação colectiva. O clube em si deixa uma referência nas pessoas que se estabeleceram relações proximais, *“Ninguém esquece este clube(...)Podemos ser pobres mas de espírito não somos...”* (TJC). Os outros referem que estes processos proximais, de competência (Bronfenbrenner & Evans, 2000)engajam mais união na capacidade em enfrentar adversidades e resiliência quando comparado com outros clubes.

“...em bairros sociais é mais fácil de se conseguir essas místicas porque as pessoas mais simples, mais humildes acabam por se unir mais, acabam por criar mais vontade de trabalhar para o mesmo fim...” (CFJ)

É unânime entre pais e dirigentes a ideia de que a envolvência social degradada e problemática onde se insere o clube interliga-se no reconhecimento de uma função social baseada na capacidade do clube em retirar os jovens da adopção de comportamentos de risco na comunidade.

“...é uma realidade um bocado degradada, aqui o bairro de X , do Y, onde há miúdos, onde circula muito a droga e aqui o clube, a função social do clube é chamar os miúdos, retirá-los dessa realidade e inseri-los numa outra, se calhar com carência em termos de organização familiar, muitos deles, é a realidade deste clube.” (PJDCSE)

Os dirigentes dos clube percebem o clube na forma em que este se reveste de uma função de prolongamento e complemento do espaço educativo reservado à família: “... *inclusivamente sem meios, porque não tem meios, está a desempenhar funções (...) de pais que se demitem dessas funções de educar os filhos de os acompanhar...*”(CFJ)

Integração e comunidade

A realidade desportiva do jovem atleta apresenta dois apontamentos a assinalar. Por um lado, na caracterização da comunidade (mesossistema) e realidade social envolvente, a delinquência e as zonas problemáticas dos bairros sociais referenciada pelos pais e dirigentes do clube; por outro, os pais percebem a realidade de formação desportiva muito ligada com a capacidade económica dos pais em proporcionar a experiência desportiva aos filhos.

“Os clubes grandes olham para o miúdo assim, é tentar rentabilizar (...)como têm grandes condições e são a pagar, você automaticamente ao estar a pagar o seu filho, ele por sua vez vai jogar, o meu é de bairro já não pode jogar...” (PJBMM)

Os dirigentes do clube apesar de reconhecerem a inexistência de ligação entre o COS e o município e/ou a escola referem que é importante uma interligação necessária com outros sistemas ecológicos na procura de suporte desportivo

“ (...) muitas vezes derivado até à zona onde estão inseridos e socialmente muitos miúdos têm problemas e acho que se esses problemas viessem acompanhados da escola para aqui poderiam ser rentabilizados de uma forma muito mais positiva do que eventualmente estão a ser neste momento sem esse trabalho de interligação.”(CFJ)

32 •

Organização e estrutura

A organização do clube baseia-se no imediatismo e relação casuística com o meio envolvente e actores desportivos e existe uma uma fulanização da dinâmica organizacional assente em dirigentes voluntários.

“Em termos de direcção dá-me a impressão que é mais voluntarismo, é carolice, se calhar não há aí planeamento não há objectivos traçados (só no imediato, nada a médio prazo) é gerir o imediato (sobreviver) sobreviver exactamente, é uma luta pela sobrevivência.” (PJDCSE)

O clube apresenta um futuro incerto, uma debilidade estrutural e física inerentes a um funcionamento e organização básico deficitário no cumprimentos das necessidades elementares a nível desportivo para os jovens atletas.

“...um campo pelado e que nos dificulta muito o trabalho de formação com os miúdos(...) obriga depois a dificuldades de toda a ordem, desde dificuldades de dinheiro para o gás, para a água, para a luz, os balneários com problemas, tudo, tudo é dificuldade para nós.” (CFJ)

De igual forma, os pais como agentes desportivos activos na vida do clube percebem negativamente a realidade do clube com falta de capacidade, conhecimentos e de recursos e reiteram um clima de pouca exigência “...nestes clubes falta um bocadinho de exigência, falta um bocadinho de disciplina, falta um bocadinho de conhecimento.” (PJBG).

A situação actual do clube apresenta consequências negativas na motivação e perspectivas de realização dos jovens, o que traduz pequenas perspectivas de mobilidade desportiva.

“...está num clube destes nunca vai ter grandes hipóteses(...) reacção da malandrice que é(...) se calhar é reflexo daquilo que ele sente. Se ele sabe que está a lutar por uma coisa que não adianta dar mais dois ou três passos porque no fundo ele vai ficar sempre naquela barreira(...) desmotiva um bocado...” (PJBG)

O clube apresenta pouca capacidade de fixação dos jovens e uma mobilidade desportiva composta por jovens discriminados negativamente em processos de exclusão desportiva.

“... Nós ficamos sempre com aquilo que nos dá mais trabalho. Aqueles miúdos que socialmente são mais irreverentes, às vezes mais indisciplinados (...) para fazer um colectivo é muito mais difícil. Os miúdos de qualidade (...) acabam por ir e nós praticamente não temos nada em troca.” (CFJ)

A capacidade de organização de uma época desportiva está na dependência do recrutamento de jovens problemáticos ou etiquetados socialmente e/ou jovens excluídos e sem clube prévio.

“...temos muitas dificuldades porque a nível desportivo somos quase considerados o caixote do lixo da cidade do Porto. (...) qualquer miúdo que goste de jogar à bola (...) vai para qualquer lado menos para o (COS).” (CFJ)

• 33

Clima e valores

Os valores sociais dominantes apreendidos pelos jovens segundo os outros significantes são a responsabilidade e o cumprimento de regras, união grupal e espírito de sacrifício, “...Para já aprendem a viver em grupo. Aprendem que há hierarquia dentro do grupo e aprendem a lutar por um objectivo comum que é a vitória...” (PJDCSE). A vivência de grupo facilita a aprendizagem conjunta, facilita o estabelecimento uma hierarquia dentro de um grupo desportivo e partilha de objectivos comuns.

“...horários, regras, tudo isso tem que ser imposto para eles saberem que isto que não é como eles querem (...) eles não põem qualquer tipo de objecção e acatam isso bem.” (PJBMM)

Os adultos percebem que os jovens estão muito motivados por estar a praticar desporto e veem neste impulso dos jovens uma forma positiva no engajamento desportivo e nos próprios comportamentos.

"...acho que é natural, na idade deles, o estarem mais motivados para a bola do que para os estudos e aqui pronto aqui acatam melhor as directrizes dos treinadores do(outro ambiente), é porque eles estão mais motivados para estar aqui é evidente." (PJDCSE)

Os entrevistados caracterizam o clima grupal e as relações interpessoais como positivas e referem que os jovens não fazem distinção pelo estatuto socioeconómico e pelo estrato social de proveniência.

"Tanto faz vir do bairro como deixar de vir do bairro, há filhos de médicos aqui, há filhos de gráficos como eu, há filhos de serralheiros (...)há filhos de tudo(...)eles não fazem esta distinção. Aqui é jogador e são amigos, não há essa distinção..." (PJBG)

Os outros têm a percepção de que o futebol funciona como um espaço próprio de actividades com significado. Este significado social acrescenta-lhe uma carga importante no jovens para a vida, "...ele (TJB) tenta cativá-los, e saber de antemão que os tem todos a treinar e que eles aparecem, e que se não os puserem eles vão embora."(PJBMM). O clima que se gera no clube baseia-se na proximidade, a ausência de impedimentos de natureza organizativa e estrutural semelhante a uma estrutura familiar facilita esta aproximação entre os diversos actores desportivos.

"Eu penso que é uma relação muito próxima quase como se fosse uma família. Estamos perante um clube relativamente pequeno mas que aproxima mais as pessoas porque não há aquelas barreiras(...)posso falar com os directores..."(PJCCVIF)

Relações sociais e eficácia

34 •

Os pais têm a percepção de que entre os pares as relações são fundamentalmente de amizade e companheirismo nos treinos e nos jogos. A pesar de diferenças entre os grupos desportivos analisados, uma equipa baseia-se num núcleo forte de jogadores com respeito pela hierarquia e que constituem, por conseguinte, um sentido de união mais forte.

"...muitas vezes a irreverência, a simplicidade e a humildade que o miúdo de bairro ajuda ao jovem que tem tudo e mais alguma coisa e boas notas, a por vezes conhecer parte de vida que se calhar não conhece no dia-a dia dele" (CFJ)

Segundo Bronfenbrenner (1979, 1992 & 1998) representa uma transição para outro mesossistema do jovem quando os dirigentes do clube nas relações de suporte que mantêm com os jovens atletas reconhecem as limitações do clube quando a estrutura familiar como agente de socialização principal está fragilizada, apesar de reconhecerem algum controlo sobre o tempo que o jovem dedica ao clube, "... Numa ocasião fui a casa de um atleta saber do miúdo...e cheguei lá e o (...) todo embriagado. (...) pensamos como é que o miúdo pode ter uma boa emoção de futebol na vida dele..." (VPCOS).

Os treinadores enfatizam a percepção dos dirigentes e contextualizam o clube numa base diferente da de outros clubes circundantes. De facto, na relação de suporte que evidenciam reconhecem que o comportamento disruptivo é um comportamento padrão dos jovens em risco de exclusão social e acentuam estes desvios de forma a garantir a sobrevivência em ambientes de bairro.

“O expulsar directo se calhar era o que ele queria, é o que lhe fica bem, é o que parece bem. Porque estes miúdos (...)o protagonismo deles é chamar a atenção pela negativa, não é?(...)simplesmente foi fazer o que está habituado a ser feito para eles.”(CFJ)

Os dirigentes do clube assinalam o trabalho importante que deve ser feito fora do âmbito do futebol, *“(conversa treinador-árbitro)...nós temos um trabalho fora do campo de jogo MUITO mais intenso, muito mais importante a fazer do que dentro do jogo...”* (CFJ); mas também os pais reforçam a necessidade de ter os jovens a praticar desporto no clube.

“Nós temos um miúdo que era um bocadinho carenciado e andava nos maus vícios, (...) O miúdo está aí, continua a trabalhar, e portanto vem de drogas, tanto ele como os pais, eram consumidores e o miúdo está aí, limpo.” (PJBMM)

Oportunidade para a construção de skills

Os pais insistem na capacidade do futebol para a construção da identidade, existe a preocupação entre os pais para que o futebol proporcione também um espaço de educação e comunicação tendo em vista o desenvolvimento positivo.

“... é educativo, é comunicativo, porque isso é necessário que as crianças comuniquem umas com as outras para o desenvolvimento deles, para enfrentarem a vida” (PTJDEA)

De facto, existe o efeito contrastante de diferenças na estrutura familiar dos jovens consoante a sua proveniência social e relativamente às diferentes construções e lições de vida de diferentes gerações e do impacto que isso tem, *“...eles não têm muito bem a noção(...)da luta, terem que se esforçar por qualquer coisa em que se trabalhando mais um bocadinho vou conseguir.”* (PJBG)

Os outros, especialmente os pais, reconhecem que os skills sociais mais predominantes são a responsabilidade, o cumprimento de regras, disciplina e espírito de sacrifício. De igual forma, a solidariedade, capacidade de partilha com jovens de diferentes proveniências e hábitos sociais: *“...sente-se grandes diferenças e isso para ele em termos de estruturas mental acho que é muito importante(...)saber de facto que não somos todos iguais...”*(PJCCVIF); transportam para os jovens aprendizagens como o respeito, tolerância.

“...é um papel importante a nível de cativar os jovens para praticar desporto, para lhes inculcar um espírito de equipa, solidariedade, partilha...integra-los em termos sociais e verem as realidades diferentes de vários estratos sociais aqui de miúdos...” (PJCCVIF)

Importância da família

Os entrevistados, sendo a maioria deles pais percebem a realidade do clube e esta integração da família na vida do clube revela-se um pilar fundamental na sua própria existência: *"...Disponibilizamos dinheiro, fazemos a aquisição dos equipamentos para os miúdos não se sentirem inferiorizados a outras equipas(...)Negativos de pais não temos nada."* (PJBMM). O apoio parental ocorre em várias direcções a nível logístico, desde transportes, alimentação e compra de equipamentos, percebem que os dirigentes têm uma boa imagem deles, assim como a influência que têm no funcionamento do clube.

"...uns que se calhar têm a minha sorte de ter uma vida diferente e olharem também para outras pessoas que têm também comportamentos diferentes dos deles mas não são eles os responsáveis por esses comportamentos tem a ver com a educação que tiveram" (PJCCVIF)

Os dirigentes do clube sentem um desfasamento entre as expectativas dos pais e a realidade possível que o clube oferece. No discurso dos pais percebe-se que a organização podia melhorar se se explorasse mais a relação diádica entre os pais e o clube.

"Mas acho que isso são os directores que no fundo se tem que mexer um bocado e se não tem capacidade ou não conseguem pelo menos lancem o aviso aos pais porque de certeza absoluta tem aí muitos pais que não se importam de ajudar..." (PJCCVIF)

Apesar desta realidade interventiva no clube são poucos os pais presentes e esta presença diminui com a idade dos jovens. Os pais reconhecem a existência de estruturas familiares diversificadas, de jovens com diferentes proveniências e estratos sociais e a interiorização de regras pelos jovens é uma forma do clube ajudar neste aspecto.

Os dirigentes, por seu turno, têm a percepção de que as diferentes relações familiares de cada jovem podem ser um obstáculo na construção da sua personalidade mas a existência de regras no clube ajuda nesse aspecto, *"Mas...há famílias em que geralmente não existem regras e aqui regras (...) aparece muito, pais separados (...)alguns que que, vivem com os avós ..."* (CFJ).

36 •

Importância da escola

Os outros, especialmente pais reclamam a prioridade do sistema escolar sobre o sistema desportivo: *"...De outra forma também não deixava andar aqui(...)Primeiro, no caso dele está a escola(...)quase que diria que 90% dos pais pensam a mesma coisa..."* (PJBG). Esta relação demonstra uma atribuição mais recreativa e de lazer dada ao futebol, *"Às vezes é o que eu digo ao director, não me importo, quero é que que ele se entretenha aqui, passe aqui os tempos livres, que eu tenho outras prioridades..."* (PJDPS). Os pais reconhecem a instrumentalização do futebol numa perspectiva utilitária, assumindo a necessidade dos filhos assumirem a responsabilidade de conciliar os dois microsistemas: *"Responsabilidades, ser responsável, basicamente ser responsável(...)se eles levarem as coisas encaminhadas e os estudos conciliados com o futebol..."* (PJBMM). Esta ambivalência traduz também pouco investimento e interesse dos dirigentes do clube no percurso escolar dos jovens.

“...Ele via o futebol mais um bocadinho de escape se calhar à escola e à vida um bocadinho muito orientada para o estudo(...)um libertar de energias e recarregar baterias para o dia seguinte mas mesmo assim penso que ele também vê as coisas assim...” (PJCCVIF)

Um clube representa jovens de diferentes origens sociais e com percurso escolar diferenciado independente do ESE dos pais.

“Mas há miúdos que são bons, temos aí miúdos, temos aí filhos de doutores também, temos filhos de médicos e estão aqui neste clube, não estão num clube grande. E são miúdos que por vezes na escola também não dá...” (PJBMC)

DISCUSSÃO

A abordagem segundo a Teoria Bioecológica de Desenvolvimento Humano serve de guia teórico estruturante a partir do qual emergem três parâmetros teóricos do modelo explicativo, primeiro a perspectiva da pessoa e do seu processo de desenvolvimento; segundo o processo de interacção social que se desenrola entre os vários actores sociais e o contexto e, por fim, o contexto de realização desportiva.

A Teoria de Sistema de Desenvolvimento reconhece que variáveis de múltiplos níveis de organização dentro da bioecologia de desenvolvimento humano contribuem para o desenvolvimento do adolescentes desfavorecidos consubstanciada na relação entre o envolvimento na actividade e activos de bairro (Kegler et al., 2005; Urban, Lewin-Bizan & Lerner, 2009), medição da intensidade das conexões (Widome, Sieving, Harpin & Hearst, 2008) e participação em organizações de bairro e implicações positivas para os jovens desfavorecidos (Quane & Rankin, 2006).

Com efeito, o estudo permite a percepção de que o desporto é uma actividade social característica do modo de vida urbano e essa participação é um fenómeno social e prática cultural (Xiong, 2007). Esta valorização do desporto como agregador em torno da identidade comunitária e interacção social (Tonts, 2005), é geradora de padrões de relação entre unidades sociais e instituições (Schuller, Baron & Field, 2000).

Não é, de facto, consensual o papel das organizações desportivas voluntárias como o COS, e o seu efeito no compromisso político e social na sociedade (Seippel, 2006). Programas desportivos como no México, centrados nos clubes em contraste com a comunidade e entidades municipais (Siegel, Reyes, Barahona, Malina, 2004), o “Midnight basketball” e o próprio futebol nos EUA, como regime de existência suburbana (Andrews, 1999) são melhor percebidos no contexto de um discurso político contemporâneo relativamente a jovens das zonas urbanas em risco constituindo uma extensão através do qual pode proporcionar uma fonte de significado, criatividade e realização (Hartmann, 2001).

O clube apresenta um futuro incerto, uma debilidade estrutural e física e organização deficitária. Com efeito e a este propósito, Schlagenhauf e Timmers em 1976 referem que um clube desportivo sem um objectivo específico não significa que o objectivo formal tenha sido esquecido, apenas que o propósito da organização é definido através dos interesses pessoais dos seus constituintes. De facto, a literatura diz que é necessária a existência de conhecimento por parte dos dirigentes sobre os desafios que o clube social enfrenta incluindo os relacionados com os recursos humanos, capacidades financeiras, networks e elementos infra-estruturais (Wicker & Breuer, 2011). Os dirigentes do COS, apresentaram bastante envolvimento mas pouco conhecimento nos seus papéis de voluntários, revelando grande compromisso com a organização mas não com os seus papéis específicos no clube (Engelberg, Skinner & Zakus, 2011).

Sabendo que o contexto de performance é multifacetado e contingente sobre um largo espectro de factores interactuantes (Pain & Harwood, 2007), o COS pode servir como um espaço de mudança social inserido num contexto próprio problemático de bairros sociais (Hellison, 2000; Eime & Payne, 2009; Kelly, 2011; Skinner, Zakus & Cowell, 2011; Gould, Flett & Lauer, 2012; Riley & Anderson- Butcher, 2012). A par da busca identitária, a actividade desportiva pode, de facto, estar positivamente associada com reduzida delinquência, abuso de drogas e crime (Central Council for Physical Recreation, 2002; Smith & Waddington, 2004), na problemática da exclusão social (Fernandes, 1998; Fernandes & Ramos, 2010) e no aumento da performance académica e social (Kremer-Sadlik & Kim, 2008).

Esta ideia pouco peregrina de que o desporto pode contribuir para estratégias de inclusão social precisa de ser desenvolvida porque nem sempre as disposições pessoais da pessoa e as forças instigadoras dos contextos tomam o mesmo sentido (Bronfenbrenner & Morris, 1998). Kelly (2011) por seu turno, ao referir que as intervenções baseadas no desporto correm o risco de salientar défices individuais e sub enfatizando desigualdades estruturais, reflecte a realidade do COS, a pouca capacidade de recrutamento e mobilidade desportiva, composto por jovens problemáticos ou etiquetados socialmente ou em processo de exclusão desportiva.

Existe então a necessidade de intervencionar programas desportivos e aprofundar estudos em áreas de carência social que se substancializa por um lado, em medidas de apoio político e organizações humanitárias (UN-Inter-Agency Task Force, 2002), programas desportivos que promovam objectivos sociais, educacionais e saúde (Kay, 2009) e/ou controlo e regulação social aos desfavorecidos (Spaaij, 2009). Ou seja, um cariz intervencionista do macrosistema desportivo em que a ciência do desporto se revista à medida da orientação aplicacional de Thiele (1999).

No estudo, o trajecto familiar, posição profissional e proveniência não são determinantes nas relações criadas dentro dos grupos e entre os pais. Estes referem que a hierarquização intra-grupal é realizada mediante a aceitação de realidades sociais distintas e constitui uma oportunidade para a partilha e espírito de grupo. Ora, à visão dominante na literatura de que as relações de suporte afirmam que conduzem à coesão de grupo, altos índices de coesão são sempre benéficos para as equipas e membros da equipa (Paskevich, Estabrooks, Brawley

& Carron, 2001; Taylor, & Bruner, 2012); Hardy, Eys e Carron (2005) demonstraram, por seu lado, efeitos potencialmente negativos tanto em coesão social como coesão para a tarefa.

A aceitação de um bom clima de grupo entre os jovens e com o clube contrasta com um comportamento disciplinar e atitude de jogo potencialmente disruptiva. É um facto que o desporto se associa a determinados benefícios pessoais e sociais (Holt, Kingsley, Tink & Scherer, 2011) e, a este nível, os outros assumem a responsabilidade, o cumprimento de regras e espírito de sacrifício e união como principais valores sociais veiculados no clube.

Sabendo que as boas práticas no seio do grupo podem ditar um potencial desenvolvimento através do desporto (Coakley, 2011) e quando pesquisadores chamam a atenção para o potencial papel do treinador nessa construção (Bredemeier & Shields, 2006), torna-se premente a análise contextual e interpessoal nesse construto. A relação do treinado com os jovens tende a associar-se à percepção que os atletas têm do ambiente de grupo no que concerne à tarefa e aspectos sociais (Leitão, 1995).

Os resultados apontam para a percepção da importância das relações interpessoais na identificação colectiva do clube e, relativamente às relações de suporte que se estabelecem no clube, Sobral em 1995 e Knop et al. (1999) e mais tarde Coelho e Silva, Sobral e Malina (2009) alertam para a necessidade de se transferir as atenções para a comunidade, treinadores e família e não investigar apenas o jovem atleta e os contextos imediatos de intervenção.

Os resultados apontam para um potencial conflito sobre os propósitos do desporto e o desejo de práticas específicas (Lee, 2009), nomeadamente, na relação treinador-pai. Na verdade, verificou-se que as relações mais perceptíveis na influência das decisões desportivas dos jovens são as expectativas que os pais ostentam (Dunn, Kinney & Hofferth, 2003), uma vez que a relação pai-atleta constitui àquele nível, o elemento crítico para o desenvolvimento dos jovens (Welk, Babkes & Schaben, 2009).

Desenvolvimento pessoal e auto-melhoramento

Na perspectiva de Coakley (2011) apesar do desporto, como forma de organização e fortalecimento pessoal não apresentar ligação com o desporto jovem não existe à priori uma razão para que essa ligação não seja possível. Historicamente, a abordagem funcionalista e neoliberal tem perspectivado o desenvolvimento positivo como ampliação de *skills* e qualidades pessoais na construção da identidade como necessárias para se tornar um membro eficaz na sociedade (Weiss and Wiese-Bjornstal, 2009).

A valorização do desporto é tanto mais eficaz quanto maior for a participação de adultos nos programas desportivos depois da escola (Coulton & Irwin, 2009). A literatura é consensual quanto à importância do envolvimento e influência parental na definição da experiência desportiva dos filhos em diversas idades (Sage, 1980; Yang, Telama, & Laakso, 1996; Teixeira e Seabra, Mendonça, Maia & Garganta, 2004; Keegan, Harwood, Spray and Lavalley, 2009; Visschler, Elferink-Gemser & Lemmink, 2009; Welk, Babkes & Schaben, 2009; Beets, Cardinal & Alderman, 2010; Trost & Loprinzi, 2011).

É consensual entre os outros que o papel do pai representa um alicerce na estrutura do clube, paradoxalmente são pouco os pais interventivos que acompanham e vivem a

situação do clube. Contudo, segundo a literatura este apoio depende de vários fatores, como o progenitor (Sage, 1980; Averill & Power, 1995), a ordem de nascimento do jovem na família (Ebihara, Ikeda & Myiashita, 1983) o próprio sucesso dos filhos ao longo do tempo (Visschler, Elferink-Gemser & Lemmink, 2009) e o escalão desportivo escolhido para análise e tem impacto directo no divertimento e alegria do jovem em idade de iniciação desportiva (Averill & Power, 1995),

Existem poucos estudos que associem a actividade física do jovem com o estilo de controlo parental e coesão familiar (Teixeira e Seabra, Mendonça, Maia & Garganta, 2004; Trost & Loprinzi, 2011) e na sua relação com o nível sócio económico dos pais (Yang, Telama, & Laakso, 1996). Quando tomamos em consideração estas variáveis constatamos uma fragilidade estrutural dos adultos entrevistados apesar da participação dos adolescentes no desporto apontar uma fraca ligação com o estatuto socioeconómico dos pais (Yang, Telama, & Laakso, 1996; Scheerder, Vanreusel, Taks & Renson, 2005).

Além do reconhecimento por parte dos pais de vários constrangimentos à participação desportiva dos filhos (Holt, Kingsley, Tink & Scherer, 2011), existe um desfasamento entre a perspectiva da importância dos pais no clube na óptica dos dirigentes e a expectativa dos pais da prática desportiva dos filhos. Eles sentem necessidade de uma intervenção maior no funcionamento do clube face à sua incapacidade, apesar de se reconhecerem como activos importantes na participação desportiva dos filhos (Riley & Anderson-Butcher, 2012).

Os pais referem a prioridade do sistema escolar sobre o sistema desportivo e uma percepção do futebol como passatempo e recurso de lazer. Eles usam de alguma instrumentalização em relação ao futebol. O clube através dos seus dirigentes e a escola não estabelecem qualquer tipo de relação apesar de se encontrar referenciada na literatura a sua importância (Payne, Eime, Harvey, Maher & Strachan, 2006; Eime & Payne, 2009).

CONCLUSÃO

O COS a nível estrutural apresenta muitas debilidades que comprometem as suas realizações desportivas e trajectórias desportivas dos jovens atletas. Algumas explicações foram discutidas na ligação da participação desportiva e comportamento dos jovens adolescentes com o seu fundo social, sabendo que os pais são os principais socializadores influenciando o envolvimento do jovem no desporto.

Discutiu-se no presente artigo de que forma o contexto em ambiente de bairro e as relações interpessoais dos adultos influem no desenvolvimento comportamental dos jovens atletas covariando com a estrutura familiar. As respostas desenvolvidas pelos outros significantes exemplificam a importância dos factores sócio-ambientais no entendimento da interface entre os valores desportivos, desenvolvimento da identidade do desportista e investimento

social, na análise de constrangimentos e participação em actividade desportiva em contextos carenciados. A perspectiva social de inclusão e modificação de comportamentos é transversal ao clube e ocupa a sua realidade existencial simbólica.

Os programas de intervenção pelo desporto jovem devem ser examinados criticamente em relação à sua contribuição para a importante função que o desporto possui na vida diária da família, e dos jovens em comunidade como uma ferramenta socializadora para valores apreciados socialmente. A actividade desportiva tem particular valor porque pode ajudar a mitigar os efeitos no desenvolvimento da identidade em trajectórias desfavorecidas através uma associação com resultados positivos em idade adulta.

O estudo abre ainda caminhos para perceber a estrutura e processos como uma ferramenta importante de mudança e inclusão social das crianças e jovens que vivem no limiar da exclusão e precariedade constituindo-se como um impacto de desenvolvimento positivo nas suas vidas. Em estudos futuros é necessário perceber a distinção ou não do conceito de função social em clube profissionais, e perceber igualmente os processos diferenciados que subjazem a essa distinção de etiquetas desportivas. De que forma o COS aqui retratado representa um mecanismo de intervenção baseado no e pelo desporto, e do promontório social que o clube em si encerra?

REFERÊNCIAS

- Andrews, D.L. (1999). Contextualizing suburban soccer: Consumer culture, lifestyle differentiation and suburban America. *Culture, Sport, Society*, 2, 3, 31-53.
- Atkinson, P., & Hammersley, M. (2007). *Ethnography. Principles in Practice*. (3rd Ed.). London: Routledge. Taylor & Francis Group.
- Averill, P.M., & Power, T.G. (1995). Parental Attitudes and Children's Experiences in Soccer: Correlates of Effort and Enjoyment. *International Journal of Behavioral Development*, 18, 2, 263-276.
- Beets, M.W., Cardinal, B.J., & Alderman, B.L. (2010). Parental Social Support and the Physical Activity-Related Behaviors of Youth: A review. *Health, Education, Behavior*, 37, 261.
- Bengoechea, E.G., & Streat, W.B. (2007). On the interpersonal context of adolescents' sport motivation. *Psychology of Sport and Exercise*, 8, 2, 195-217.
- Bredemeier, B.J. & Shields, D.L. (2006). Sports and Character development. *President's Council on Physical Fitness and Sports*, 7, 1, 12-25.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development. Experiments by nature and design*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Bronfenbrenner, U. (1992). Ecological Systems Theory. In R. Vasta (Ed.), *Six Theories of child development: Revised formulations and current issues* (pp.187-249). London: Jessica Kingsley Pub. Ltd.
- Bronfenbrenner, U. (2005). The Future of Childhood. In U. Bronfenbrenner (Ed.), *Making Human Beings Human. Bioecological Perspectives on Human Development* (pp.246-260). London, UK: Sage Publications.

- Bronfenbrenner, U., & Ceci, S.J. (1994). Nature-nurture reconceptualized: A bio-ecological model. *Psychological Review*, 101, 4, 568-586.
- Bronfenbrenner, U., & Morris, P.A. (1998). The ecology of developmental process. In W. Damon (Ed. Série) & R.M. Lerner (Vol. Ed.), *Handbook of child psychology: Vol1. Theoretical models of human development* (5ª Ed., pp. 993-1028). New York: John Wiley.
- Burnett, C. (2006). Building Social Capital through an Active Community Club. *International Review for the Sociology of Sport*, 41, 283.
- Coakley, J. (1992). Burnout among adolescent athletes: a personal failure or social problem? *Sociology of Sport Journal*, 9, 271-285.
- Coakley, J. (2011). Youth Sports: What Counts as "Positive Development?" *Journal of Sport & Social Issues*, 35, 3, 306-324.
- Coulton, C., & Irwin, M. (2009). Parental and community level correlates of participation in out-of-school activities among children living in low income neighborhoods. *Children and Youth Services Review*, 31, 3, 300-308.
- Coelho e Silva, M.J., Sobral, F., & Malina, R.M. (2009). Motivation for Sport in Portuguese Youth-biological and social dimensions. In M.J. Coelho e Silva, A.J. Figueiredo, M.T. Elferink-Gemser & R.M. Malina (Eds.), *Youth Sports. Participation, Trainability and Readiness* (pp.49-61). University of Coimbra Press.
- Dunn, J.S., Kinney, D.A., & Hofferth, S.L. (2003). Parent's Ideologies and Children After-School Activities. *American Behavioral Scientist*, 43, 1359.
- Ebihara, O., Ikeda, M., & Myiashita, M. (1983). *International Review for the Sociology of Sport*, 18, 69.
- Eime, R.R., & Payne, W.R. (2009). Linking participants in school-based sport programs to community clubs. *Journal of Science and Medicine in Sport*, 12, 2, 293-299.
- Elias, N., & Scotson, J. L. (2000). Os estabelecidos e os *outsiders*: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade. Rio de Janeiro: Jorga Zahar.
- Engelberg, T., Skinner, J., & Zakus, D.H. (2011). Exploring the relationship between commitment, experience, and self-assessed performance in youth sport organizations. *Sport Management Review*, 14, 2, 117-125.
- Fernandes, L. (1998). O Sítio das Drogas-Etnografia das drogas numa periferia urbana. Lisboa, PT: Editorial Notícias.
- Fernandes, L., & Ramos, A. (2010). Exclusão Social E Violências Quotidianas Em "Bairros Degradados": Etnografia Das Drogas Numa Periferia Urbana. *Revista Toxicodependências*, 16, 2, 15-27.
- Hammersley, M. (2002). Ethnography and Realism. In A. Huberman & M. Miles (Eds.), *The Qualitative Researcher's Companion* (pp.65-81). London, UK: Sage Publications.
- Hardy, H., Eys, M.A., & Carron, A.V. (2005). Exploring the Potential Disadvantages of High Cohesion in Sports Teams. *Small Group Research*, 36, 2, 166-187.
- Hartmann, D. (2001). Notes on Midnight Basketball and the Cultural Politics of Recreation, Race, and At-Risk Urban Youth. *Journal of Sport and Social Issues*, 25, 4, 339-372.
- Hellison, D. (2000). Physical activity programs for underserved youth. *Journal of Science and Medicine in Sport*, 3, 3, 238-242.
- Holt, N.L., Kingsley, B.C., Tink, L.N., & Scherer, J. (2011). Benefits and challenges associated with sport participation by children and parents from low-income families. *Psychology of Sport and Exercise*, 12, 5, 490-499.

- Hundeide, K. (2005). Socio-cultural Tracks of Development, Opportunity Situations and Access Skills. *Culture & Psychology, 11*, 2, 241-261.
- Kay, T. (2009). Developing through sport: evidencing sport impacts on young people. *Sport in Society, 12*, 9, 6-18.
- Keegan, R.J., Harwood, C.G., Spray, C.M., & Lavallee, D.E. (2009). A qualitative investigation exploring the motivational climate in early career sports participants: Coach, parent and peer influences on sport motivation. *Psychology of Sport and Exercise, 10*, 3, 361-372.
- Kegler, M.M., Oman, R.F., Vesely, S.K., McLeroy, K.R., Aspy, C.B., Rodine, S., & LaDonna, M. (2005). Relationships among Youth Assets and Neighborhood and Community Resources. *Health Education and Behavior, 32*, 3, 380-397.
- Kelly, L. (2011). 'Social inclusion' through sports-based interventions? *Critical Social Policy, 31*, 1, 126-150.
- Knop, P., Wylleman, P., Theeboom, M., Martelaer, K., Hoecke, J.V., & Heddegem, L. (1999). The Role of Contextual factors in Youth Participation in Organized Sport. *European Physical Education Review, 5*, 153.
- Krebs, R.J. (2009). Bronfenbrenner's Bioecological Theory of Human Development and the process of development of sports talent. *International Journal of Sport Psychology, 40*, 1, 108-136.
- Kremer-Sadlik, T., & Kim, J.L. (2007). Lessons from sports: children's socialization to values through family interaction during sports activities. *Discourse & Society, 18*, 1, 35-52.
- Lee, M. (2009). Importance of Values in the Coaching Process. In M.J. Coelho e Silva, A.J. Figueiredo, M.T. Elferink-Gemser & R.M. Malina (Eds.), *Youth Sports. Participation, Trainability and Readiness* (pp.62-73). Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Leitão, J.C. (1995). Liderança e ambiente de Grupo em Equipas de Hóquei em Patins. *AGON- Revista Crítica de Desporto e Educação Física, 1*, 71-83.
- Lessard-Hérbert, M., Goyette, G., & Boutin, G. (2008). *Investigação Qualitativa. Fundamentos e Práticas* (3ª Ed.) Lisboa, Portugal: Instituto Piaget.
- Lewin, K. (1948). *Resolving social conflicts; selected papers on group dynamics*. Oxford, England: Harper.
- Lofland, J. (2002). Analytic Ethnography. Features, Failings and Failures. In A. Huberman & M. Miles (Eds.), *The Qualitative Researcher's Companion* (pp.65-81). London, UK: Sage Publications.
- Lutzhoft, M., Nyce, J.M., & Petersen, E.S. (2010). Epistemology in ethnography: assessing the quality of knowledge in human factors research. *Theoretical Issues in Ergonomics Science, 11*, 6, 532-545.
- Malina, R.M. (2009). Organized Youth Sports-background. Trends, benefits and risks. In M.J. Coelho e Silva, A.J. Figueiredo, M.T. Elferink-Gemser & R.M. Malina (Eds.), *Youth Sports. Participation, Trainability and Readiness* (pp.2-27). Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Matos, F.L. (1994). Os bairros sociais no espaço urbano do Porto: 1901-1956. *Análise Social, XXIX*, 127, 677-695.
- Maxwell, J.A. (2002). Understanding and Validity in Qualitative Research. In A. Huberman & M. Miles (Eds.), *The Qualitative Researcher's Companion* (pp.65-81). London, UK: Sage Publications.
- Miles, M.B., & Huberman, A.M. (1994). *An expanded Sourcebook. Qualitative data analysis*. (2nd Ed.). London, UK: Sage Publications.
- Mulhall, A. (2003). In the field: notes on observation in qualitative research. *Journal of Advanced Nursing, 41*, 3, 306-313.
- Neuman, W. L. (2003). *Social research methods* (5ª Ed.). Upper Saddle River: Prentice Hall.

- Numerato, D., & Baglioni, S. (2011). The dark side of social capital: An ethnography of sport governance. In *International Review for the Sociology of Sport*.
- Pain, M.A., & Chris Harwood, C. (2007). The performance environment of the England youth soccer teams. *Journal of Sports Sciences*, 25, 12, 1307-1324.
- Payne, W., Eime, R., Harvey, J., Maher, S., & Strachan, J. (2006). Linking school-based sport programs to sport club membership. *Journal of Science and Medicine in Sport*, 9, 39-40.
- Paskevich, D. M., Estabrooks, P. A., Brawley, L. R., & Carron, A.V. (2001). Group cohesion in sport and exercise. In R. N. Singer, H. A. Hausenblas, & C. M. Janelle (Eds.), *Handbook of sport psychology* (2nd ed., pp. 472-494). New York: John Wiley.
- Polkinghorne, D., (2003). Generalization and qualitative research: issues of external validity. In: J. Linden and P. Szybek (Eds.) *Validation of knowledge claims in human science*. Lyon: l'Interdisciplinaire.
- Quane, J.M., & Rankin, B.H. (2006). Does it pay to participate? Neighborhood-based organizations and the social development of urban adolescents, *Children and Youth Services Review*, 28, 10, 1229-1250.
- Riley, A., & Anderson-Butcher, D. (2012). Participation in a summer sport-based youth development program for disadvantaged youth: Getting the parent perspective, *Children and Youth Services Review*, In Press, Corrected Proof, Available online 30 March 2012.
- Ryan, R.M., Deci, E.L., & Grohnick, W.S. (1995). Autonomy, relatedness, and the self: Their relation to development and psychopathology. In D. Cicchetti & D.J. Cohen (Eds.), *Developmental psychology -Vol. 1: Theory and methods* (pp. 618-655). New York: John Wiley & Sons.
- Sadler, D.R. (2002). Intuitive Data Processing as a Potential Source of Bias in Naturalistic Evaluation. In A.M. Huberman & M.B. Miles (Eds), *The Qualitative Researcher's Companion* (pp.123-137). London, UK: Sage.
- Sage, G.H. (1980). Parental Influence and Socialization into Sport for Male and Female Intercollegiate Athletes. *Journal of Sport and Social Issues*, 4, 1.
- Sands, R. (2002). *Ethnography in Sports*. Illinois: Human Kinetics.
- Scheerder, J., Vanreusel, B., Taks, M., & Renson, R. (2005). Social stratification patterns in adolescents' active sports participation behaviour: a time trend analysis 1969–1999. *European Physical Education Review*, 11, 1, 5-27.
- Schlagenhauf, K., & Timm, W. (1976). The Sport Club as a Social Organization *International Review for the Sociology of Sport*, 11, 9.
- Schuller, T., Baron, S., & Field, J. (2000), Social Capital: a review and critique, pp. 1-38 in Baron, S., Field, J., and Schuller, T. (Eds.), *Social Capital: critical perspectives*, Oxford University Press, Oxford.
- Seippel, Ø. (2006). Sport and Social Capital. *Acta Sociologica*, 49, 169.
- Shields, D., & Bredemeier, B. (2005). Can sports build character? In D. Lapsley & F.C. Power (Eds.), *Character psychology and education* (pp.121-139). Notre Dame, IN: University of Notre Dame Press.
- Shields, D.L., Bredemeier, D.L., LaVoi, N.M., & Power, F.C. (2005). The Sport Behavior of Youth, Parents, and Coaches. The Good, the Bad, and the Ugly. *Journal of Research in Character Education*, 3, 1, 43–59.
- Siegel, S.R., Reyes M.E., Barahona, E.E., Malina, R.M. (2004). In M.J. Coelho e Silva & R.M.Malina (Eds.), *Children in Organized Sports* (pp.70-81). Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Silverman, D. (2010). *Interpreting Qualitative Data* (3rd ed). London, UK: Sage.
- Skinner, J., Zakus, D.H., & Cowel, J. (2008). Development through Sport: Building Social Capital in Disadvantaged Communities. *Sport Management Review*, 11, 3, 253-275.

- Smith, A. L., Ullrich-French, S., Walker, E. G., & Hurley, K. S. (2006). Peer relationship profiles and motivation in youth sport. *Journal of Sport & Exercise Psychology, 28*, 362–382.
- Smith, R.E., & Waddington, I. (2004). Using 'sport in the community schemes' to tackle crime and drug use among young people: some policy issues and problems, *European Physical Education Review, 10*, 3, 279-298.
- Sobral, F. (1995). Determinantes Culturais da Prática Desportiva das Crianças e Adolescentes. *AGON-Revista Crítica de Desporto e Educação Física, 1*, 11-21.
- Spaaij, R. (2009). Sport as a Vehicle for Social Mobility and Regulation of Disadvantaged Urban Youth: Lessons from Rotterdam. *International Review for the Sociology of Sport, 44*, 3, 247-264.
- Sparkes, A.C. (2009). Ethnography and the senses: challenges and possibilities. *Qualitative Research in Sport and Exercise, 1*, 1, 21-35.
- Taylor, I.M., & Bruner, M.W. (2012). The social environment and developmental experiences in elite youth soccer. *Psychology of Sport and Exercise, 13*, 4, 390-396.
- Teixeira e Seabra, A.F., Mendonça, D.M., Maia, J.A., & Garganta, R.M. (2004). Familial aggregation in sports participation. A study in children and youth with aged 10 to 19 years. *Revista Brasileira Ciência e Movimento, 12*, 3, 7-12.
- Thiele, J. (2003). Ethnographic Perspectives in Sport Science in Germany – Status Quo and Developmental Potentials. *Forum: Qualitative Social Research, (4)*, 1. Retirado da net em: <http://www.qualitative-research.net/fqs/> a 24 de Setembro de 2011.
- Tonts, M. (2005). Competitive sport and social capital in rural Australia. *Journal of Rural Studies, 21*, 137–149.
- Trost, S.G., & Loprinzi, P.D. (2011). Parental Influences on Physical Activity Behavior in Children and Adolescents: A Brief Review. *American Journal of Lifestyle Medicine, 5*, 2, 171-181.
- Ullrich-French, S., & Smith, A. (2009). Social and motivational predictors of continued youth sport participation. *Psychology of Sport and Exercise, 10*, 1, 87-95.
- Urban, J.B., Lewin-Bizan, S., & Lerner, R.M. (2009). The role of neighborhood ecological assets and activity involvement in youth developmental outcomes: Differential impacts of asset poor and asset rich neighborhoods. *Journal of Applied Developmental Psychology, 30*, 5, 601-614.
- Vallerand, R.J., & Losier, G.E. (1999) An integrative analysis of intrinsic and extrinsic motivation in sport. *Journal of Applied Sport Psychology, 11*, 142-169.
- Visscher, C., Elferink-Gemser, M.T., & Lemmink, K.A. (2009). Role of Parental Support in Sports Success of Talented Young Dutch Athletes. In M.J. Coelho e Silva, A.J. Figueiredo, M.T. Elferink-Gemser & R.M. Malina (Eds.), *Youth Sports. Participation, Trainability and Readiness* (pp.103-116). Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Xiong, H. (2007). The Evolution of Urban Society and Social Changes in Sports Participation at the Grassroots in China. *International Review for the Sociology of Sport, 42*, 441.
- Welk, G.J., Babkes, M.L., Schaben, J.A. (2009). Parental Influences on Youth Sport Participation. In M.J. Coelho e Silva, A.J. Figueiredo, M.T. Elferink-Gemser & R.M. Malina (Eds.). *Youth Sports. Participation, Trainability and Readiness* (pp.75-102). Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Weiss, M. R., & Wiese-Bjornstal, D. M. (2009). *Promoting positive youth development through physical activity*. Retrieved from <http://presidentschallenge.org/informed/digest/docs/september2009digest.pdf>.
- Wicker, P., & Breuer, C. (2011). Scarcity of resources in German non-profit sport clubs, *Sport Management Review, 14*, 2, 188-201.

- Widome, R., Sieving, R.E., Harpin, S.A., & Hearst, M.O. (2008). Measuring Neighborhood Connection and the Association with Violence in Young Adolescents. *Journal of Adolescent Health, 43*, 5, 482-489.
- Wolcott, H.E. (2009). *Writing Qualitative Research*. (3rd Ed.) London, UK: Sage Publications.
- Yang, X., Telama, R., & Laakso, L. (1996). Parent's Physical Activity, Socioeconomic Status and Education as Predictors of Physical Activity and Sport Among Children and Youths- a 12 year Follow-Up Study. *International Review for the Sociology of Sport, 31*, 273.